

# VIVOS, PORÉM EXAUSTOS

Tudo começou como uma gripe forte. Febre alta, nariz escorrendo, dor no corpo. Depois de dois dias sofrendo sozinha em casa, a rede de ex-mulheres começou a funcionar. Trata-se de uma característica muito sapatão: ex-mulheres quase sempre ganham status de porto seguro e passam a existir num ambiente que é só delas porque é formado por amor – e não mais por tensão sexual –, por amizade e por um tipo de conhecimento que apenas aquele ser humano possui a seu respeito. Eu chamo de saporidade. Assim, enquanto uma ex-mulher me recolhia em casa, a outra ia até a farmácia comprar remédios. Na ponta mais extrema do afeto, minha mãe abria as portas para eu entrar e me atirar na cama.

Na casa dela, tendo que assistir aos programas que ela assiste – o canal da TV italiana, a RAI, basicamente –, ia sendo alimentada de meia em meia hora. Maçã, banana, torradas, chás, macarrão, grão-de-bico: o menu da recuperação. Como gosto de entreter um certo teor dramático em mim, qualquer gripe me leva a acreditar que estou às vésperas da morte. Portanto, como achei que iria morrer naquela noite, decidi dormir na cama de minha mãe, uma aventura que eu talvez tenha experimentado pela última vez há 40 anos, o que me deixava despreparada para os hábitos noturnos da mulher dentro da qual um dia morei.

Por volta das 3 horas da manhã, sem conseguir respirar direito, acordei. Notei que a TV estava ligada e minha mãe, encostada na cama, mastigando. Ao me perceber alerta, ela disse:

– Amendoim. Quer?

– Hã?

– Amendoim. É ótimo para a saúde. Come – disse, estendendo o saquinho em minha direção.

– Mãe! Você come amendoim de madrugada?

– Nem sempre. Normalmente, como chocolate. Tem ali no armário. Quer?

– Não, não quero chocolate. Nem amendoim.

– Chocolate com castanha.

– Mãe!

– Você que sabe. Tô vendo o programa do casal que teve cinco filhas gêmeas. Já viu?

– Não tá na RAI? – perguntei assustada, percebendo que ela tinha mudado de canal.

O QUE TIVE FOI UMA INTOXICAÇÃO DE REALIDADE. INFECTADA PELO NOTICIÁRIO, DEIXEI DE PERCEBER OS AVISOS QUE MEU CORPO ESTAVA ME DANDO

– Não.

– Sua TV tem outro canal então?

– Engraçadinha.

– Você não dorme?

– Durmo. E acordo. Depois durmo. É assim.

Passados cinco minutos, ela estava roncando e eu, acordadíssima, vendo o programa do casal que teve cinco filhas gêmeas. Na manhã seguinte, ela entrou no quarto com uma torrada e disse:

– Vamos tirar sua pressão? Eu tenho um aparelho digital.

Muito fraca e sem condições de questionar os motivos do convite, disse ok. Ela veio então com o aparelho e o colocou no meu pulso. Concentrada, apertou alguns botões e sentou. Em segundos, vi a expressão em seu rosto mudar.

– Sua pressão tá 16 por 9!

Tentando não desmaiar de nervoso, perguntei o que isso significava, mas ela estava ocupada ligando para o médico e não escutou. Entendi que era esse então o dia da minha morte e busquei palavras bonitas que pudessem ser ditas, só que não tive tempo de elaborá-las porque minha mãe me arrancou de casa para me levar ao consultório do geriatra dela. Chegamos e entramos imediatamente. O médico, ao contrário da gente, bastante calmo, tirou minha pressão e constatou que estava normal.

– Adele – ele disse para minha mãe –, que aparelho você usou para medir a pressão da sua filha?

– Esse – respondeu minha mãe, colocando o aparelho na mesa.

– Me faz um favor? Joga fora esse aparelho – pediu o médico.

Enquanto eu tentava me recuperar da experiência, os dois conversavam sobre a incrível saúde de minha mãe, cujo organismo, com 82 anos, não dá muitos sinais de desgaste.

## RENASCIMENTO

Na saída, ainda no elevador, minha mãe me disse:

– Sabia que ele me garantiu mais dez anos de vida?

– Que ótimo. Porque eu quase morri hoje graças ao seu aparelho de medir pressão.

– Ah, que bobagem. Já era mesmo hora de você dar um pulo no geriatra. Sejamos realistas, minha filha.

Como nada se compara à sensação de driblar a morte, tentei manter o foco na euforia do meu renascimento.

Naquela noite, resgatada da casa de minha mãe por minha mulher, que mora no Rio e veio me ver, iniciei o processo de recuperação do que talvez tenha sido uma virose de sintomas muito malucos que me tiraram de jogo.

FOTO © BEIJING SILVERMINE / THOMAS SAUVIN

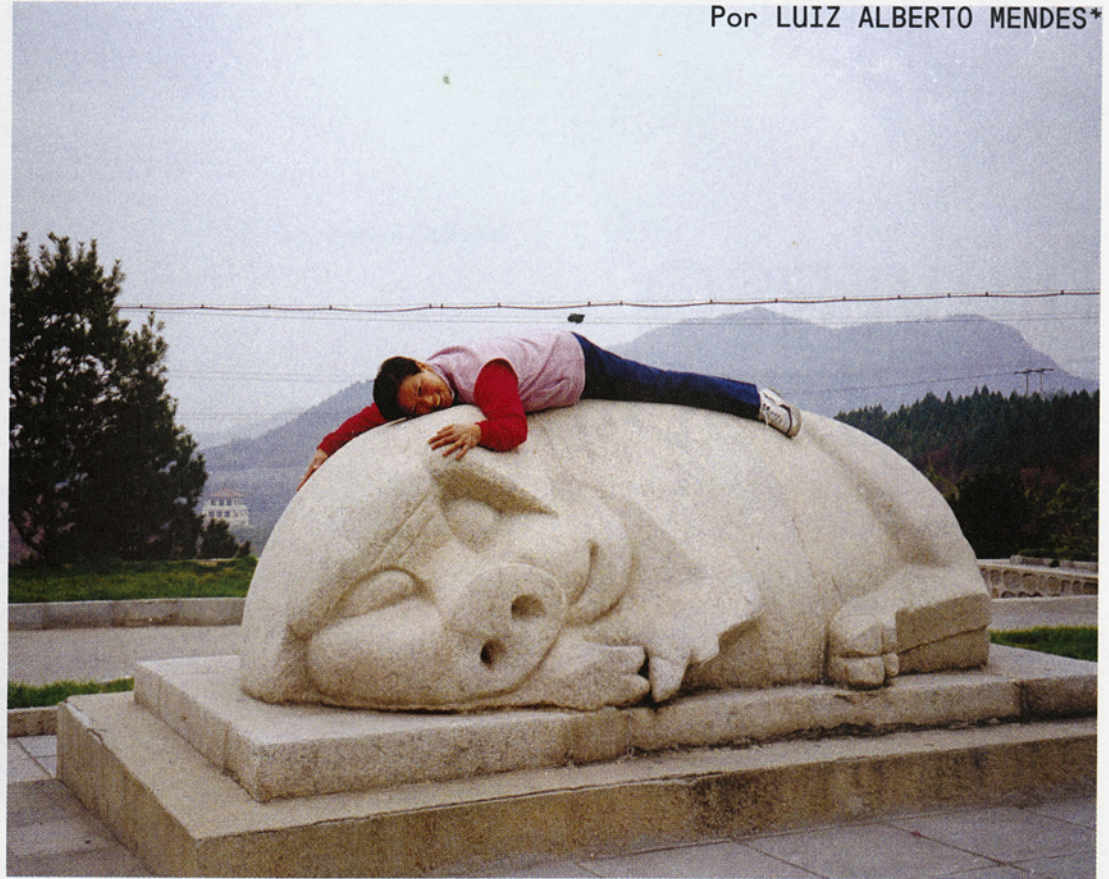


Passado o susto, entendo que o que tive foi uma intoxicação de realidade. Infectada pelo noticiário, deixei de perceber os avisos que meu corpo estava me dando, implorando para que eu parasse e tentasse encontrar algum silêncio, algum ambiente de paz e de esperança em mim. A sabedoria de nosso sistema imunológico, que não tem tolerância para organismos incapazes de colaborar, caberia bem à sociedade. A colaboração é uma lei da natureza, a competição é uma anomalia. Exatamente por isso, inundados de um sistema que ensina que competir é natural, passamos pela vida incentivados a olhar apenas nosso umbigo. É como tão bem explicou o escritor David Foster Wallace: “O mundo jamais o desencorajará a operar na configuração padrão. Porque o mundo dos homens, do dinheiro e do poder segue sua marcha alimentado pelo medo, pelo desprezo e pela veneração que cada um faz de si mesmo. Nossa cultura consegue canalizar essas forças de modo a produzir riqueza, conforto e liberdade pessoal. Ela nos dá a liberdade de sermos senhores de minúsculos reinados individuais do tamanho de nossas caveiras, onde reinamos sozinhos”.

Olhar em volta e perceber que as coisas estão desmoronando pode ser desalentador. A solução para esse período de trevas talvez seja olhar para dentro. Porque só assim faremos contato com alguma sanidade. Estamos aqui para ajudar uns aos outros a passar por essa experiência humana, mas só faremos isso se nos mantivermos sãos. Estamos aqui para oferecer afeto, para colaborar, compartilhar e amar. Que exista possibilidade de vida em um planeta perdido no cosmo é um completo milagre. Contra todas as improbabilidades, nós existimos. E contra todas as opressões, resistimos. Não há, de verdade, alternativa a não ser buscar sanidade, dar as mãos e persistir.

# SAI DA FRENTE

SOMOS JOVENS BOBINHOS PARA OS CHINESES, QUE SÃO PIRATAS E EXPLORADORES MILENARES



Quando penso na China, me ocorrem dois países diferentes. Penso na China milenar de Confúcio e Lao-Tsé, da inteligência multisseccular, das terríveis dinastias, dos impérios gigantescos, da Muralha e daqueles enormes guerreiros, que nada tinham de heróicos, mas sim de exploradores do sofrimento humano. Algo bem parecido com o que foi a Idade Média aqui no Ocidente.

E penso também no que o país, hoje tão moderno e tecnológico, representa no contexto atual, sendo a segunda maior economia do mundo, e no caminho de superar os Estados Unidos em um breve período.

A tendência é que a China continue a ascender, e os americanos terão que tolerar. E não é só por conta das bombas atômicas que ambos possuem.

Os chineses são confucianos e, como era Confúcio, extremamente pragmáticos. Assim como são os americanos, que seguem o pragmatismo norte-americano, popularizado por William James, o primeiro a usar este termo para nomear a corrente filosófica dos EUA do fim do século 19.

## PARA EXPORTAÇÃO

Os chineses formam mais de 400 mil engenheiros por ano e os exportam para o mundo todo. Para se pensar: são tantos graduados nessa área, mas quantos se formam em outras carreiras fundamentais, só que mais humanas, ou menos pragmáticas?

É uma nação sempre em fase de aprendizado e a nação com a maior quantidade de gente no mundo. Somos jovens bobinhos para eles, que são piratas e exploradores milenares, mas não diferimos muito quando somos vistos de perto.

A emoção que levamos para tudo, porém, eles não conseguem entender. Os chineses às vezes parecem apenas querer negociar e negociar, em busca de terem a maior cota do mundo. Seria um pensamento tacanho, do tipo “quando ninguém tiver, só eu terei e sobreviverei”?

Mas é a parte cultural a mais complicada e distante. Gostaria que houvesse um intercâmbio maior. Escolas que ensinam inglês ou francês existem aos montes. Raro é encontrar uma de cantonês ou mandarim. E eles têm muito a nos ensinar. Esqueça a política. Mas lembrem das lições sobre o domínio da terra e outros conhecimentos filosóficos que nem compreendemos a grandiosidade. Imaginem alimentar tanta gente.

Conheço mais os japoneses do que os chineses (e não devemos nunca confundi-los: eles se detestam), mas sei que as cidades da China estão se ocidentalizando rapidamente, particularmente os jovens, que querem sempre coisas novas. Globalização.

A própria produção da indústria chinesa mudou; estive preso por 31 anos e a percepção sobre o que vem de lá agora é outra. A qualidade das mercadorias, que antes eram ruins, melhorou.

Hoje, embora continuem a alimentar o mundo de quinquilharias, vendem e criam também tecnologia de ponta, em todas as áreas. Empresas sérias e gigantes se levantaram e as vendas também cresceram. Seus enormes navios entregam de tudo, em cada vez mais quantidade, em qualquer porto do mundo. É uma nação que vive de sua produção e produzir é praticamente uma cultura de sobrevivência. Não importa como, sempre consegue produzir mais – e parece que conseguirá sempre.